

A PRESENÇA DO CONCEITO CALVINISTA DE ELEIÇÃO INCONDICIONAL NOS SERMÕES DE C. H. SPURGEON

Vinicius Rodrigues da Silva Florêncio (IC) e Christian Brially Tavares de Medeiros (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Devido a uma série de eventos extremamente importantes na Europa nos séculos anteriores, como por exemplo, o Renascimento, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, a Inglaterra do século XIX demonstrava características de racionalismo iluminista, liberalismo teológico, deísmo, e tendências a heresias. As pessoas mais influentes e instruídas, bem como a nobreza, tendiam a uma espécie de cristianismo em que Deus, apesar de existir, não interferia na história ou na vida das pessoas. Nesse contexto, nasce um homem que posteriormente seria conhecido como o Príncipe dos Pregadores, um exímio orador e teólogo, e seu nome é Charles Haddon Spurgeon. Este seria responsável por pregar em sua época, através de seus sermões, as doutrinas da graça, conhecidas como calvinismo (que ele mesmo afirmou ser apenas um apelido para o evangelho). Este artigo tem por finalidade analisar especificamente o ensino da doutrina da eleição incondicional nos sermões de C. H. Spurgeon. Especificamente este ensino marcou a soteriologia calvinista do século XVI, e dividiu muitas opiniões durante os séculos a seguir; portanto, verificaremos a existência de comunicação desta doutrina pregada por Spurgeon com a doutrina calvinista de eleição incondicional do século XVI, pregada por João Calvino, e o porquê. Verificar-se-á também a importância da pregação destas doutrinas no contexto social de Spurgeon.

Palavras-chave: Calvinismo. Eleição. Spurgeon.

ABSTRACT

Due to a series of extremely important events in Europe in previous centuries, such as the Renaissance, the Industrial Revolution, and the French Revolution, nineteenth-century England demonstrated characteristics of Enlightenment rationalism, theological liberalism, deism, and heresy tendencies. The most influential and educated people, as well as the nobility, tended to a kind of Christianity in which God, despite existing, did not interfere with people's history or life. In this context is born a man who would later be known as the Prince of Preachers, an excellent speaker and theologian, and his name is Charles Haddon Spurgeon. He would be responsible for preaching in his day, through his sermons, the doctrines of grace known as Calvinism (which he himself claimed to be only a nickname for the gospel). The purpose of this article is to specifically analyze the teaching of the doctrine of

unconditional election in C. H. Spurgeon's sermons. Specifically this teaching marked 16th century Calvinist soteriology, and divided many opinions over the following centuries; Therefore, we will see the communication of this doctrine preached by Spurgeon with the Calvinist doctrine of unconditional election of the sixteenth century, preached by John Calvin, and why. The importance of preaching these doctrines in the social context of Spurgeon will also be verified.

Keywords: Calvinism. Election. Spurgeon.

1. INTRODUÇÃO

Charles Haddon Spurgeon, considerado o príncipe dos pregadores, foi um nome do século XIX, conhecido por seus sermões bem escritos e por uma vida dedicada ao serviço eclesial. Este pregador, que nasceu e viveu na Inglaterra, ensinou por meio de seus sermões o que é conhecido como calvinismo, que é, na verdade, como ele mesmo afirma, “simplesmente o evangelho” (LAWSON, 2012, p. 54).

O calvinismo, por sua vez, é um sistema de pensamento teológico, cujo autor é um teólogo do século XVI chamado João Calvino. Mas, como os pensamentos de Spurgeon e Calvino se comunicam? Este artigo propõe averiguação da presença do conceito calvinista de eleição incondicional nos sermões de C. H. Spurgeon, ou seja, se a doutrina de eleição incondicional de Spurgeon (século XIX), se comunica com a mesma doutrina ensinada por João Calvino (século XVI) e, caso haja comunicação, como ela ocorreu, mesmo com três séculos separando estas duas mentes.

Verificar-se-á, também, qual o contexto social de Spurgeon, e como ele foi construído, qual era a atual situação religiosa, social, econômica, política e espiritual da Inglaterra no século XIX, e qual foi a importância da pregação de Spurgeon, mais especificamente do ensino das doutrinas da graça, com foco na doutrina da eleição incondicional, para aquele público.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. Charles Haddon Spurgeon: sua vida e ministério

Charles Haddon Spurgeon foi um nome de destaque dentre os pregadores do evangelho de Jesus Cristo na história e, provavelmente, o maior do século XIX. Nascido em 19 de junho de 1834, em Kelvedon, Essex, Inglaterra, Spurgeon era membro de uma família que descendia de reformados holandeses e huguenotes franceses, sendo o mais velho de dezessete irmãos (LAWSON, 2012, p. 23).

Nascido em família protestante, Spurgeon constantemente estava exposto à mensagem do evangelho e à boa literatura puritana, contudo apesar de toda essa influência espiritual exercida sobre Spurgeon, ele permanecia não convertido. Ao escrever sobre a infância e adolescência de Spurgeon longe da igreja, Lawson nos apresenta uma declaração do próprio Spurgeon a este respeito

Desde minha mocidade eu ouvira o plano da salvação pelo sacrifício de Jesus, mas não sabia mais em minha alma interior do que se eu tivesse nascido e sido criado como hotentote. Lá estava a luz, mas eu era cego. (SPURGEON; apud LAWSON, 2012, p. 24).

No dia 6 de janeiro de 1850, aos quinze anos de idade, Spurgeon foi alcançado pela luz do evangelho, ao ouvir um sermão sobre Isaías 45.22, que diz “Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da Terra”. A partir dali “ele era de fato uma nova criação. O terrível sentimento de pecado, tão longamente experimentado, já se fora, e tudo era novo diante dele” (DALLIMORE, 2008. p. 41).

Após sua conversão, seu ministério cresceu; sua vocação para exposição da palavra era notória, e aos dezessete anos tornou-se pastor. Conheceu Susannah Thompson, sua esposa, no período que pregava na Capela de New Park Street, e casaram-se em 8 de janeiro de 1856 (LAWSON, 2012, p. 26).

Seu ministério foi abundante em conversões e batismos. Estima-se que Spurgeon tenha pregado para cerca de dez milhões de pessoas (LAWSON, 2012, p. 34). Em 18 de março de 1861, Spurgeon inaugurou o Tabernáculo Metropolitano, que foi o maior templo liderado por ele, e o primeiro culto dominical neste novo templo foi realizado em 31 de março de 1861.

Sendo um eloquente orador, escreveu diversos sermões, que se tornaram famosos por seu teor teológico que, até hoje, provoca admiração a seus ávidos leitores. Segundo Lawson, “até o fim do século XIX, mais de cem milhões de sermões haviam sido vendidos em vinte e três línguas, cifra inigualável por qualquer outro pregador, antes ou depois dele” (2012, p. 34). Também escreveu cerca de 140 obras, dentre elas as famosas “The Treasury of David” (O Tesouro de Davi), “All of Grace” (Tudo pela graça), e “The Metropolitan Tabernacle Pulpit” (O púlpito do Tabernáculo Metropolitano), por exemplo. (DELLIMORE, 2008, p. 301-302). Seus sermões também foram impressos. Lawson diz que Spurgeon conta com mais de “três mil e oitocentas mensagens impressas, seus sermões compõem a maior coleção encadernada de escritos por um homem da língua inglesa” (2012, p. 35).

Spurgeon dedicou toda sua vida, a partir de sua conversão, ao serviço do Reino de Deus. Ao final de seu ministério e vida, Spurgeon sofria de doenças nos rins e gota, devido a isso, pregou seu último sermão em 7 de julho de 1891 e faleceu em 31 de janeiro de 1892 com cinquenta e sete anos de idade (Lawson, 2012, p. 33). Em sua homenagem foram feitos cultos fúnebres. O primeiro na França, depois, em Londres, mais quatro cultos no primeiro dia, sendo cada um para um público distinto, que, como nos conta Lawson, “um para os

membros do tabernáculo, um para pastores e alunos, outro para obreiros cristãos, e outro ainda para o público em geral.” (2012, p. 34). Posteriormente a estes, no dia seguinte, ainda outro culto foi realizado e mais um cortejo fúnebre. Lawson detalha que “ao todo, cerca de sessenta mil enlutados prestaram homenagens a essa figura colossal. Um cortejo fúnebre de mais de duas milhas (3.2 km) seguiu o carro funerário do Tabernáculo até o cemitério em Norwood, com cem mil pessoas em pé ao longo do caminho”. Após sua morte, o Tabernáculo Metropolitano foi assumido por Thomas Spurgeon, seu filho (DALLIMORE, 2008, p. 296).

Também vemos sua proximidade com o calvinismo quando Lawson relata que “Spurgeon foi convidado a pregar na maior e mais famosa igreja batista calvinista de Londres, a nova Capela de Park Street” (2012, p. 25). Lawson também escreve que “para Spurgeon, pregar a Bíblia significava pregar o calvinismo”. (2012, p. 54). O próprio Spurgeon declarou

Não existe a pregação de Cristo e este crucificado a não ser que preguemos o que hoje em dia se chama de calvinismo. O calvinismo é um apelido, pois calvinismo é simplesmente o evangelho – nada mais. Não creio que estejamos pregando o Evangelho a não ser que preguemos a soberania de Deus em sua dispensação da graça; nem se não exaltarmos o amor que elege, imutável eterno, sempre o mesmo, conquistador de Jeová. Não penso que possamos pregar o Evangelho a não ser que o baseemos sobre a redenção especial e particular dos seus eleitos e povo escolhido, nos quais Cristo operou sobre a cruz; nem consigo compreender o Evangelho que permita que os Santos caiam depois de terem sido chamado. (apud LAWSON, 2012, p. 54)

E é devido a esse comprometimento com a teologia calvinista e com as doutrinas da graça que analisaremos a doutrina de eleição incondicional a partir da perspectiva de Spurgeon, com base em seus sermões.

2.2. A Importância da pregação de Spurgeon para a Inglaterra do Século XIX

Para tentarmos compreender a importância da pregação calvinista no período em que Spurgeon foi pastor, analisaremos o contexto histórico da Inglaterra durante o século XIX, e como ele foi construído, a situação religiosa do país, mais especificamente a cristã, e os problemas que a cercavam.

A sociedade em que Spurgeon estava inserido era resultado de alguns grandes momentos da história, como por exemplo, o Renascimento, as Revoluções e a Reforma Protestante. As revoluções (Revolução Francesa e Primeira Revolução Industrial) causaram uma grande mudança no pensamento religioso na Europa. O escritor Eric J. Hobsbawm, em seu livro “A era das revoluções”, ao falar sobre a transformação do pensamento religioso na época, diz (2006, p. 304)

A religião, uma coisa semelhante ao céu, da qual ninguém escapa e que abarca tudo o que está sobre a terra, tornou-se algo parecido com um acúmulo de nuvens, uma grande característica do firmamento humano, embora limitado e variável. De todas as mudanças ideológicas, esta é de longe a mais profunda, embora suas consequências práticas não fossem mais ambíguas e indeterminadas do que então se supunha. Em todo caso, é a transformação mais inaudita e sem precedentes.

Hobsbawm relata que entre a elite da Europa no final do século XVIII era raro encontrar um cristão ortodoxo dentre os nobres. O que predominava na época era, na verdade, a maçonaria racionalista, iluminista e anticlerical (2006, p. 304). Até mesmo aqueles que ainda criam em um ser superior não acreditavam que esse ser tivesse qualquer outra função “exceto a de existir, e certamente sem interferir nas atividades humanas nem exigir outra forma de veneração do que o reconhecimento benevolente” (HOBBSAWM, 2006, p. 304). Em outras palavras, o que prevalecia era o deísmo. Jean Delumeau relata que no século XVI o termo “ateu” era superlativo de deísta (1994, p. 111). Ser deísta no século XVI era o mesmo de ser ateu, ser deísta no século XIX era o mais comum entre os nobres declarados cristãos. Observamos, portanto, o afastamento da religião na Europa, pois, apesar de ser raro alguém se declarar abertamente ateu no século XIX, era ainda mais rara a prática de um cristianismo verdadeiramente ortodoxo, ao menos dentre os mais nobres.

Além da queda do pensamento religioso cristão causada principalmente pelo Iluminismo, fruto do Renascimento, houve principalmente durante os séculos XV e XVI um grande movimento de sincretismo religioso e moral na Europa, que reverberou pelos séculos posteriores. Como nos relata Delumeau (1994, p. 111)

Este sincretismo, fundamentalmente otimista e, de resto, baseado no insuficiente conhecimento da cronologia das obras antigas, descobria em todas as civilizações pré-cristãs premonições do cristianismo. Jesus viera completar uma revelação cujos elementos tinham sido recebidos não apenas pelos judeus, mas por todos os povos da Antiguidade. Em suma, postulava-se a concordância de todas as religiões para além do dogma.

Observamos, portanto, que além do racionalismo, o paganismo já havia se infiltrado na religião cristã na Europa.

Houve durante o século XVIII o que podemos chamar de uma disputa intelectual entre o deísmo e a ortodoxia na Inglaterra. Christopher Dawson relata que nessa disputa os “defensores da ortodoxia provaram ser escritores melhores e polemistas mais hábeis que seus críticos [...] Os racionalistas ingleses não tinham um Voltaire, ao passo que os cristãos produziram um grupo de apologetas e panfletários notavelmente capazes, de todos os tons de opinião[...]” (2014, p. 284). Sendo assim, o deísmo entrou em declínio na Inglaterra, pois era intelectualmente mais fraco, e o cristianismo começou a crescer novamente e, quando houve um ataque dos Iluministas franceses a ortodoxia inglesa “o protestantismo inglês

passava por extraordinário reavivamento por intermédio de pessoas como John Wesley e George Whitefield. Consequentemente (e independente da influência de Wesley), a segunda metade do século XVIII tendeu a ser mais religiosa que a primeira...” (DAWSON, 2014, p. 284). Dawson ainda relata mais consequências desse embate (2014, p. 285)

Dessa maneira, o Iluminismo inglês não levou ao desbarateamento do cristianismo pelas forças do racionalismo. A opinião inglesa recobrou forças do ataque deísta e chegou a um acordo satisfatório num protestantismo liberal moderado e tolerante [...]. Por outro lado, não há dúvidas que esse período assistiu uma secularização geral da vida política e social da Inglaterra.

Podemos observar que o cristianismo se tornara liberal, política e socialmente secularizado, influenciado direta ou indiretamente pelo paganismo, individualista e racionalista. E é neste contexto que Spurgeon desenvolve seu ministério.

Por conta de todo este descrédito da sociedade para com a intervenção de Deus na história e na vida das pessoas que Charles Haddon Spurgeon prega as doutrinas da graça e da soberania de Deus. Sua pregação era uma resposta às necessidades espirituais, religiosas, ideológicas, políticas, econômicas, e talvez principalmente, em resposta a seus questionamentos existenciais. Nas palavras de Spurgeon, “Não existe a pregação de Cristo e este crucificado a não ser que preguemos o que hoje em dia se chama de calvinismo. O calvinismo é um apelido, pois calvinismo é simplesmente o evangelho – nada mais.” (LAWSON, 2012, p. 54).

2.3. O conceito de eleição incondicional nos sermões de C. H. Spurgeon

A eleição incondicional ou predestinação, uma doutrina que constantemente gera conflitos e disparidade de opiniões, sempre foi abordada e discutida durante a história da igreja. Charles Haddon Spurgeon, um pastor, teólogo, escritor e orador, se dedicou para a promulgação e defesa desta doutrina.

Spurgeon pregou a doutrina da eleição incondicional em diversos sermões, abordando-a em vários textos bíblicos distintos, com perspectivas diferentes e em situações diferentes, contudo, sempre sendo fiel ao ensino das Escrituras Sagradas. Analisaremos os sermões 41 e 42 de Spurgeon (denominado “Eleição Incondicional”), para identificarmos e analisarmos a doutrina da eleição a partir de sua perspectiva.

O texto bíblico escolhido por Spurgeon para este sermão foi 2 Tessalonicenses 2:13-14 que diz

Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito, e fé na verdade; para o que pelo nosso evangelho vos chamou, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.

As primeiras palavras de Spurgeon no sermão já são bastante emblemáticas e mostram o quão lhe eram suficientes os ensinamentos das Sagradas Escrituras. Spurgeon declara que “Se não houvesse outro texto na Palavra Sagrada, exceto este único, eu acho que todos nós deveríamos ser obrigados a receber e reconhecer a veracidade da grande e gloriosa doutrina da antiga escolha de Deus de Sua família” (2018, p. 57 e 58).

Na introdução do sermão Spurgeon utiliza algumas colocações que nos levam a entender que estavam entre o público ouvinte algumas pessoas que discordavam da doutrina da eleição a ponto de não quererem ouvir a respeito, alguns arminianos que o contradiziam e perseguiam, e pessoas que se dispuseram a ouvir. A princípio, Spurgeon utiliza vários recursos para evidenciar a doutrina da eleição, apesar de demonstrar claramente que não considera estes recursos, criados por homens, argumentos últimos, utilizando-os apenas para evidenciar a doutrina da eleição já existente em vários credos, mas deixa claro que, para ele, apenas a Escritura basta para fundamentar esta doutrina.

O sermão é dividido em seis pontos. São eles: 1) A veracidade da doutrina, 2) a eleição é absoluta, 3) a eleição é eterna, 4) a eleição é pessoal, 5) o que a eleição produz e 6) as tendências da doutrina da eleição (2018, p. 60, 61). Analisaremos o discurso de Spurgeon ponto a ponto.

2.3.1. A doutrina é verdadeira

A princípio Spurgeon se permite utilizar de um recurso que ele chama de *argumentum ad hominem*, pois ele fala com o público “de acordo com as suas diferentes posições e circunstâncias” (2018, p. 61). Aqui, Spurgeon utiliza de três documentos para sustentar sua argumentação, sendo eles os 39 Artigos da Religião, base da doutrina e confissão da Igreja Anglicana (mais especificamente, parte do 17º artigo), o Credo Valdense e a Confissão de Fé Batista de 1689, mostrando a seus ouvintes que as igrejas das quais eles faziam parte continham em seus alicerces doutrinários e suas confissões de fé a doutrina da eleição incondicional. Aqui Spurgeon mostra a eles que, ao atacarem a doutrina da eleição, estariam, portanto, atacando os alicerces doutrinários da Igreja, bem como, que esta doutrina é verdadeira e ensinada desde os tempos mais remotos da igreja.

Posterior a estes argumentos, Spurgeon inicia a exposição de textos que utilizam as palavras “eleitos” e “escolhidos” para evidenciar a doutrina da eleição, pois, como ele mesmo diz “É claro que se as pessoas são chamadas eleitos, deve haver eleição. Se Jesus Cristo e

Seus apóstolos estavam acostumados a chamar os crentes pelo título de eleitos, devemos certamente acreditar que eles de fato assim o eram, caso contrário, o termo nada significaria" (2018, p. 66). O textos utilizados por Spurgeon neste momento são Marcos 13:20, 22, 27; Lucas 18:7; Colossenses 3:12; Tito 1:1; 1 Pedro 1:2, 5:13; 2 João 1:1, 13; ele os utiliza com a finalidade de evidenciar que os cristãos do primeiro século não se envergonhavam de utilizar o termo "eleitos" para falar do povo de Deus. O termo não era secreto, mas constantemente utilizado, e isso se mostra evidente nos textos sagrados.

Novamente Spurgeon começa a citar e comentar textos bíblicos, mas agora com a finalidade de provar positivamente a doutrina (2018, p. 68), e os textos utilizados aqui são João 15:16, 19; 17:8-9; Atos 13:48; Romanos 8:29-33; 9:22-23; 11:7; 1 Coríntios 1:26-29; 1 Tessalonicenses 5:9. A quantidade de versículos evidencia, como proposto por Spurgeon, a doutrina como verdadeira pois, logicamente, a Palavra de Deus não trataria com tamanha frequência uma doutrina mentirosa ou inexistente.

Spurgeon dá muito mais ênfase aos argumentos que utilizam os textos bíblicos do que aos argumentos pautados em documentos da igreja. Calvino nos diz que "a Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual nem se deixou de pôr coisa alguma necessária e útil de conhecer, tampouco se ensina mais do que o é preciso" (2009, p. 378).

Por último, neste primeiro ponto, Spurgeon rebate aqueles que dizem ser injusto Deus ter elegido alguns e não a outros, para isso utiliza-se de observações como as seguintes:

Se alguém dentre vocês quer ser salvo por Jesus Cristo, Ele elegeu esse alguém para ser salvo. Se alguém dentre vocês deseja ter a salvação, ele é eleito para tê-la, se a deseja sincera e seriamente. Mas, se você não a deseja, porque você seria tão absurdamente tolo a ponto de reclamar porque Deus dá a salvação, a qual você não aprecia, para outras pessoas? (2018, p. 74)

Algo muito interessante na exposição de Spurgeon é o fato de não ter se preocupado em justificar a Deus por ter elegido. O desdém e os constantes questionamentos com quais ele demonstra ter sido atacado são, para Spurgeon, fruto de ignorância. Ele mesmo diz "Eu não tentarei provar a justiça de Deus em ter eleito, assim, alguns e deixado outros. Eu não buscarei justificar o meu Mestre. Ele falará por si mesmo" (2018, p. 71-72). Comunica-se, portanto, o texto de Spurgeon com a fala de Calvino (2009, p. 375) nas *Institutas da Religião Cristã*, quando diz:

E se é evidente que da vontade de Deus depende que a uns seja oferecida gratuitamente a salvação e que a outros se lhes negue, daí nascem grandes e muito árduos problemas, que não é possível explicar nem solucionar se os fiéis não compreenderem o que devem com respeito ao mistério da eleição e da predestinação"

Para ambos, Calvino e Spurgeon, a falta de conhecimento a respeito da doutrina da eleição é a origem de muitos problemas.

2.3.2. A eleição é absoluta.

Provada a veracidade da doutrina, Spurgeon diz que a eleição é absoluta, pois “não depende do que somos” (2018, p. 75). A argumentação de Spurgeon neste ponto ataca posição de justificação e eleição pelas obras. Os oponentes da teologia calvinista creem que o critério pelo qual Deus elege o seu povo são suas obras, sua escolha de ter fé em Deus. Argumenta-se que, na eternidade, Deus olhou por uma espécie de túnel do tempo, afim de verificar quem escolheria a Deus, quem desejaria ser salvo e, portanto, Deus elegeu apenas estes, ou seja, Deus previu que eles teriam fé. Utilizando de uma ilustração eficaz, Spurgeon argumenta

“Mas” dizem outros, “Deus os elegeu por prever que eles teriam fé”. Ora, é Deus quem dá a fé; Ele, portanto, não poderia elegê-los devido à fé que Ele previu. Ali estão vinte mendigos na rua e eu determinei dar a um deles um real. Será que alguém diria que eu determinei dar àquele mendigo um real – que eu o elegi para ter o dinheiro – porque eu previa que ele o teria? Isso seria falar um absurdo. De modo semelhante, dizer que Deus elegeu homens porque previu que teriam fé – que é a salvação em semente – seria muito absurdo para que nós o ouçamos por um só momento. (2018, p. 75)

Novamente notamos uma conversa direta entre a teologia de Spurgeon e a de Calvino. Nas *Institutas da Religião Cristã*, Calvino (2009, p. 380) afirma que

Ninguém que queira ser considerado homem temente a Deus ousará simplesmente negar a predestinação, pela qual Deus adota a uns para a esperança da vida e destina a outros à morte eterna; mas muitos a cercam de sutilezas, sobretudo os que intentam que a presciência seja a causa da predestinação. Nós admitimos ambas as coisas em Deus, mas o que agora afirmamos é que é de todo infundado fazer uma depender da outra, como se a presciência fosse causa e a predestinação, o efeito.

Em suma, não se trata de a presciência de Deus ser a causa da eleição, mas sim sua vontade soberana. Também não depende das atitudes de cada ser humano; o que cada um faz ou não faz não é critério para a eleição, mas unicamente a graça de Deus. Como Paulo escreveu em Efésios 2.8-9 “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isso não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie”. O versículo seguinte ainda nos traz uma outra verdade a respeito deste contexto de fé e obras, pois, segundo Efésios 2.10, as boas obras foram preparadas de antemão para que os eleitos andassem nelas, ou seja, boas obras são frutos de eleição, e não o contrário.

2.3.3. A eleição é eterna

O versículo base deste sermão traz consigo uma intrigante verdade; em 2 Tessalonicenses 2.13 está escrito “por vos ter Deus elegido desde o princípio para a

salvação”. A discussão neste ponto do sermão é “Em qual momento ocorreu a eleição?”, e este versículo encerra a discussão ao dizer que a eleição ocorreu desde o princípio. Contudo, não é possível identificar este princípio precisamente. Spurgeon alegoriza bem ao dizer (2018, p. 78):

Podemos retornar continuamente aos séculos e séculos. Podemos voltar, se podemos usar tais palavras estranhas, a eternidades inteiras e nunca chegaremos ao princípio. Nossas asas se cansariam, nossa imaginação desfaleceria. Se ela pudesse ultrapassar os relâmpagos reluzindo em majestade, poder e rapidez, logo se cansariam antes que pudessem chegar ao princípio.

Podemos, portanto, concluir que a eleição é eterna, mas que é impossível identificar em que ponto da eternidade (se é que podemos dizer assim) ela ocorreu.

2.3.4. A eleição é pessoal

O quarto ponto do sermão promove uma discussão a respeito da pessoalidade da eleição. Spurgeon está argumentando contra aqueles que afirmam que Deus não escolheu pessoas, mas nações. Estes homens argumentam que seria injusto escolher homens individualmente, mas justo escolher nações inteiras. Spurgeon, contudo, diz que “Se não fosse justo escolher uma pessoa, seria muito mais injusto escolher uma nação, uma vez que as nações são apenas a união de multidões de pessoas. Escolher uma nação parece ser um crime mais gigantesco – se a eleição fosse um crime – do que escolher uma pessoa.” (2018, p. 79). Não há diferença entre escolher uma pessoa e uma nação, a não ser pela quantidade de pessoas escolhidas de uma vez. Escolher uma indivíduo sozinho ou escolher um conjunto de indivíduos não muda o fato de estar escolhendo indivíduos; o princípio de eleição permanece. Spurgeon diz isso quando escreve “Se você me disser que Deus escolheu os judeus, eu digo, então, Ele escolheu tais e tais homens judeus. E se você disser que Ele escolhe a Grã-Bretanha, então eu digo que Ele escolhe tais e tais britânicos. Assim, no final das contas isso e aquilo é a mesma coisa.” (2018, p. 80). Entende-se, portanto, que a eleição é, por natureza, pessoal, e mesmo que seja eleito um grupo de pessoas, cada uma é escolhida em sua individualidade.

2.3.5. A eleição produz bons resultados

Nos quatro pontos anteriores, Spurgeon ressaltou a soberania de Deus em eleger. No quinto ponto do sermão ele trata da responsabilidade humana e os frutos da eleição. A questão refutada aqui é justamente o que Paulo trata em Romanos 6:1-2, que diz “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?”. A

doutrina da eleição pode trazer um certo conforto aos que ouvem que a predestinação ocorre independentemente das minhas obras, pois podem pensar em seguir uma vida de pecados, visto que sua condição de eleito independe do que faz. Spurgeon adverte veementemente os que, como diz Paulo, permanecem no pecado para que seja a graça mais abundante. O texto de 2 Tessalonicenses 2.13 nos diz "...porque vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade", ou seja, os frutos da eleição são santificação e fé. Alguém que não se santifica, ou leva uma vida de santidade, ou mesmo alguém que não crê na verdade divina, não pode se autodenominar eleito.

Sobre santidade, a questão abordada não é a perfeição, mas evidências visíveis, principalmente quando consideramos a vida do eleito de modo geral. Spurgeon diz isso muito claramente ao declarar "Os eleitos de Deus são santos. Eles não são puros, eles não são perfeitos, eles não são impecáveis, mas considerando as suas vidas como um todo, eles são pessoas santas. Eles são diferenciados e distintos de outros, e ninguém tem o direito de concluir ser eleito, exceto por viver em santidade." (2018, p. 83). A questão da fé também é abordada. Ao ouvir sobre a eleição, alguém pode temer não ser eleito, mesmo crendo em Jesus. Spurgeon, falando sobre isso, diz "aquele que crê é eleito. Aqueles que são eleitos, são eleitos para a santificação e para a fé. Se você tiver fé, você é um dos eleitos de Deus" (2018, p. 83). A eleição gera características no povo de Deus, e ninguém pode se intitular eleito se não as possuir.

2.3.6. As tendências da doutrina da eleição

Neste último ponto, Spurgeon evidencia três tendências da eleição para o povo de Deus e, posteriormente, se dirige aos ímpios que não a reconhecem. Aos santos e eleitos do Senhor, Spurgeon trata das seguintes tendências A) A humilhação, B) A ousadia e C) A santidade.

- A) A doutrina da eleição, como diz Spurgeon, esvazia o cristão de toda confiança em si, depositando-a unicamente em Jesus Cristo, pois ela ensina que não há em mim, nem nas minhas ações, algo que possa me salvar; nada, a não ser o gratuito e eterno amor de Deus. Contemplar essa verdade é demasiado humilhante. Spurgeon diz "Amigo, se você quer ser humilhado, estude a eleição, pois isso lhe fará humilde sob a influência do Espírito de Deus" (2018, p. 86); contudo, essa humilhação não é algo dolorido, algo penoso, mas maravilhoso e gratificante. Spurgeon chama esse efeito da eleição (a humilhação) de bendito.
- B) Outro efeito da doutrina da eleição é a ousadia. "Nenhum homem será tão ousado quanto aquele que crê que é eleito de Deus" (2018, p. 86). Aqui a eleição trona o

homem destemido, incapaz de temer a outros homens ou de tremer mediante a aflições desta vida, mantendo-o irredutível em relação ao pecado. Spurgeon diz que, devido essa intrepidez, o eleito de Deus rejeita o pecado em favor da verdade. Ele diz “Eu comprometerei os meus princípios? Eu mudarei as minhas doutrinas? Eu deixarei de lado meus pontos de vista? Eu esconderei o que eu creio ser verdade? Não!” (2018, p. 88). O eleito de Deus aprendeu que a verdade provém do Pai, com o qual ele tem aliança.

- C) Para Spurgeon “nada sob a influência graciosa do Espírito Santo pode fazer um cristão mais santo do que o pensamento de que ele é eleito.” (2018, p. 88). Como vimos no ponto cinco, a santidade é um fruto da eleição, e é impossível se denominar eleito sem a presença da santidade. Em 1 Pedro 1.2 lemos que fomos “eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito”. Ou seja, a consequência da consciência da eleição é uma vida santa. Se não há santidade, não há eleição.

Muitos poderiam desanimar diante da mensagem da eleição pensando ser eles incapazes de alcançar tamanha graça, mas, por último, Spurgeon dá aos ímpios uma mensagem de esperança. Ele os orienta a recorrerem a Deus, pois não seriam lançados fora. Como última lição, Spurgeon nos mostra que todo eleito recorre a Deus, e todo aquele que não o é, nunca recorrerá. Como Spurgeon diz “que embora haja um número determinado, ainda assim, é verdade que todos os que buscam pertencem a este número” (2018, p. 90). Ou seja, não há alguém que, em sinceridade, recorra a Deus e não seja eleito.

Nas *Institutas da Religião Cristã*, Calvino, citando Bernardus, diz que “não seria possível encontrar nem reconhecer entre as criaturas, pois está escondida de um modo admirável no regaço da bem-aventurada predestinação e entre a massa da miserável condenação dos homens” (BERNARDUS; apud CALVINO, 2009, p. 376). Calvino e Spurgeon mais uma vez conversam entre si, mas desta vez de forma sutil. Ambos estão declarando que os eleitos de Deus não podem ser percebidos enquanto ainda não foram alcançados pela graça. Enquanto ainda estão em trevas, parecem ser apenas homens comuns. O ato de Spurgeon em dar uma palavra de esperança a estes homens também demonstra uma característica dos eleitos de Deus, a saber, a de levar a palavra de salvação a toda a criatura. Enquanto um pecador não for levado, pela graça, a recorrer a Jesus Cristo, nunca perceberemos que este é eleito, portanto, não podemos deixar de oferecer-lhe o amor misericordioso de Jesus Cristo como fez Spurgeon no dia 2 de setembro de 1855, na capela de New Park Street.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma vida influenciada pela teologia reformada desde a infância, e uma conversão marcante na adolescência, Spurgeon conheceu as doutrinas da graça e as declarou como base insubstituível de sua fé. Ele as pregou em um momento tão necessário como o século XIX, quando as bases da religião cristã estavam sendo constantemente atacadas, um conceito equivocado de razão estava tomando o lugar da fé, o paganismo se misturava ao cristianismo, o pensamento político e social estava totalmente secularizado, o ateísmo e o deísmo se confundiam, e o liberalismo teológico e muitas heresias se espalhavam. Neste contexto, este pregador utiliza-se do calvinismo (o evangelho), e ensina as grandes verdades sobre a soberania de Deus, a salvação e a eleição, a condenação e a responsabilidade do homem, e destrói conceitos heréticos de livre-arbítrio, desmascarando os perseguidores das doutrinas da graça. Mas, além disso, Spurgeon, através do evangelho, levou uma mensagem de paz aos aflitos, luz aos que estavam em trevas; apresentou às pessoas o conceito de comunidade cristã, em uma época de individualismo, sintoma este gerado pela grande Revolução Industrial. Spurgeon apresentou o evangelho a uma sociedade moral e espiritualmente quebrada, dedicando toda sua vida, desde a juventude até seus últimos dias, ao ministério pastoral e à pregação da Palavra de Deus.

Finalmente, não somente é observável a comunicação da doutrina de eleição incondicional pregada por Spurgeon e a que fora pregada por João Calvino, como ambas são a mesma doutrina. Os sermões de Spurgeon, do século XIX, e as doutrinas calvinistas do século XVI são iguais, pois ambas são pautadas puramente nas Escrituras Sagradas, sendo assim, seu ensino é necessário e útil, e ambos compreenderam isso. Como o próprio João Calvino escreveu, “a Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual nem se deixou de pôr coisa alguma necessária e útil de conhecer, tampouco se ensina mais do que o é preciso saber.” (2009, p. 378). Portanto, com base no que foi apresentado neste artigo, podemos identificar que a teologia de Spurgeon é, sumariamente, bíblica, ortodoxa, reformada e, por este motivo, se comunica tanto com a de João Calvino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVINO, João, *A instituição da religião cristã*. Tomo 2. São Paulo: Unesp, 2009.
- DALLIMORE, Arnold A. *Spurgeon - uma nova biografia*. São Paulo: PES, 2008.
- DAWSON, Christopher. *A divisão da Cristandade: Da Reforma protestante à era do Iluminismo*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- DELUMEAU, Jean, *A civilização do Renascimento*. v. II. Lisboa: Estampa, 1994.

HOBBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

LAWSON, Steven J. *O foco evangélico de Charles Spurgeon*. São Paulo: Fiel, 2012.

SPURGEON, Charles Haddon. *Os 5 pontos do calvinismo: uma introdução por C. H. Spurgeon*. São Paulo: O Estandarte de Cristo, 2018.

Contatos: vinicius.s.florencio@gmail.com e christian.medeiros@mackenzie.br